

Virgínia da Conceição Amaro Martins

1. Por que escolheu a química?

Quando eu estava no ensino médio, o governo brasileiro tinha uma proposta de ensino profissionalizante. Na minha escola, não havia o ensino profissionalizante, então eles fizeram um meio termo. Nem você saía só com o segundo grau (ensino médio), nem somente com o ensino profissionalizante. Na minha escola havia "básicos": básico em arquitetura, química, ciências humanas. E como eu gostava mais do conteúdo de exatas, fui fazer básico em química. E eu tinha um professor que mostrava a química de uma maneira maravilhosa. Então, eu fui me encantando com isso e resolvi fazer química.

2. Qual foi a sua trajetória?

Eu fiz esse básico em química, que não contemplava todas as matérias necessárias para a gente fazer um vestibular. Saí do ensino médio, não prestei vestibular, justamente por não ter tido as matérias necessárias. Eu fiz cursinho antes de prestar FUVEST. Deixei como primeira opção São Paulo, não tinha ideia que existia São Carlos. Naquela época não havia internet, nem nada. Prestei só FUVEST como escola pública e não passei. Eu passei em uma escola particular, mas os meus pais não tinham condições financeiras para que eu cursasse. Era uma época de muita inflação, então era muito difícil pagar. Assim, fiz mais um ano de cursinho, só que aí já melhor preparada. Eu prestei química na FUVEST para São Paulo, São Carlos e Ribeirão Preto, na ordem de distância de São Paulo (onde eu morava). Eu passei na segunda opção, vim para São Carlos e fiquei. Aqui fiz a graduação, mestrado, doutorado e estou aqui. Eu vim para cá em 1981 para fazer graduação, me formei em dezembro de 1985. Ingressei no mestrado, defendi minha dissertação em abril de 1988 e fiz o doutorado, que defendi em abril de 1994. Comecei a trabalhar dois anos depois de formada, quando eu estava no final do mestrado. Eu fui contratada em dezembro de 1987, no dia 09 deste ano (2020) faço, então, 33 anos de funcionária da universidade.

3. Qual sua contribuição para o IQSC ser o que é hoje?

Eu trabalho no Grupo de Bioquímica e Biomateriais, desde 1983, entrei como aluna de IC lá e fiquei. Depois fui contratada para o Grupo de Bioquímica e Biomateriais. Desde então, muitos alunos passaram por lá desde IC até doutorado e muitos alunos ainda voltam a entrar em contato, o que significa que a gente conseguiu transmitir alguma coisa, seja na parte pessoal ou na profissional. Quero dizer que acredito que consegui contribuir com o que é fundamental para o instituto, que é o ensino de graduação através, principalmente, do auxílio aos alunos de IC. Isso é o mais importante no meu ponto de vista para o IQSC, a graduação, porque sem ela a universidade nem existiria. Vejo como minha contribuição fazer com que os alunos tenham profissionalmente um pouquinho a mais, pelo contato com a pesquisa durante sua estadia no grupo.

4. Qual a contribuição do IQSC na pessoa que você se tornou?

Praticamente eu nasci, profissionalmente falando, no instituto. Nasci e cresci aqui. Eu tive professores muito bons, alguns que, infelizmente, já partiram e outros que ainda estão, graças a Deus, aqui com a gente. Então, minha parte profissional é inteira no IQSC. Você sempre tem visões de como é fora da Instituição, mas tudo que eu aprendi, eu aprendi no IQSC.

5. Como você se imagina fora do IQSC?

Tenho pensado muito nisso, pois já são 33 anos de IQSC, de funcionária no IQSC. Então, às vezes, você começa a pensar, no que vai fazer quando se aposentar. Para ser sincera eu estou protelando essa aposentadoria, porque eu já podia ter me aposentado há 3 anos. Como eu acho que eu ainda tenho algum gás, (risos) ainda tenho alguma coisa para contribuir com alguns alunos que venham ao grupo, então eu vou ficando. Eu acho que é muito difícil, principalmente quando você fica tanto tempo em um único lugar, você sair. Vai acontecer lógico, tem que acontecer, porque temos que dar lugar para os novos também. Chega uma hora que você precisa realmente parar, mas eu ainda estou trabalhando minha cabeça nesse sentido de parar de trabalhar e ficar sem essa parte profissional. Ficar mais em casa ou arranjar uma outra atividade para fazer (que eu não sei o quê). Então, eu ainda não enxergo

muito esse lado, mas já estou pensando. Conheci muita gente, são muitos anos no IQSC, e é uma parte da vida, não é uma coisa que você só vai lá e trabalha. Então fica mais difícil, mas vai chegar uma hora, é lógico, que tem de acontecer.

Entrevista concedida a Igor Augusto Vieira (Bolsista PUB/CCEx), no dia 02 de dezembro de 2020, às 15h.